

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNA LIMA SANTOS

BEBÊS E O PACTO NARCÍSICO DA BRANQUITUDE:
Reflexões sobre a paparicação na Educação Infantil

CAMPINAS
2021

BRUNA LIMA SANTOS

**BEBÊS E O PACTO NARCÍSICO DA BRANQUITUDE:
Reflexões sobre a paparicação na Educação Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação da Faculdade de Educação, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia sob Orientação da Profa. Dra. Gabriela Guarnieri de Campos Tebet.

CAMPINAS
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Santos, Bruna Lima, 1997-
Sa59b Bebês e o Pacto Narcísico da Branquitude : reflexões sobre a aparição na
Educação Infantil / Bruna Lima Santos. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Gabriela Guarnieri de Campos Tebet.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Branquitude. 2. Educação infantil. 3. Identidade. 4. Relações étnicas. 5.
Relações raciais. I. Tebet, Gabriela Guarnieri de Campos, 1981-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Pedagogia

Titulação: Licenciado

Data de entrega do trabalho definitivo: 16-07-2021

BRUNA LIMA SANTOS

**Bebês, e o pacto narcísico da Branquitude:
Reflexões sobre a paparicação na Educação Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação da Faculdade de Educação, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia sob Orientação da Prof. Dra. Gabriela Guarnieri de Campos Tebet.

Data da aprovação: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Gabriela Guarnieri de Campos Tebet – Orientadora



Ellen de Lima Souza

Dedico esse trabalho à Agatha, Anna Carolina, Douglas, Ítalo, João Pedro, João Vitor, Kauã, Leonidas, Luis Antonio, Maria Alice, Miguel, Emilly e Rebecca e todas as outras crianças que infelizmente não conseguirei citar, mas que tiveram suas vidas ceifadas por viverem numa sociedade desigual e racista.

À Vera Lucia, mainha, que mesmo aos seus 53 anos, uma analfabeta funcional, que pouquíssimo frequentou a escola, mas nunca deixou de me estimular a estudar, além de fazer o possível e o impossível para que eu jamais desistisse dos estudos e sempre o colocasse em primeiro lugar.

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora, Profa. Dra. Gabriela Guarnieri Tebet, por me acolher desde o meu segundo ano de graduação, pela presença constante e relacionamento respeitoso. Agradeço as oportunidades, a paciência e confiança, além do privilégio de poder conviver com uma mulher incrível, divertida, animada e solidária.

À professora Ellen, uma mulher inspiradora com quem eu tenho aprendido muito aos sábados, nos encontros do grupo Laroyê, e por gentilmente aceitar ser a segunda leitora desse trabalho de conclusão de curso.

Ao Gustavo, pelos anos de companheirismo e amor, pelo apoio incessante antes e no decorrer da minha trajetória acadêmica e de vida. Agradeço pelos estímulos e pelos colos de confortos quanto eu precisei.

À querida Silene Kuin, pela amizade, pelos diálogos e trocas diárias. Agracio a sua generosidade, força e determinação. Agradeço por todas as contribuições e apoio no decorrer da graduação e pela contribuição direta e indireta nesse trabalho.

Não posso deixar de citar Vera, Brenda, Michele, Renata, Josean e Vó Antonieta, que valorizaram e apoiaram essa jornada na graduação, cada um, com o seu jeitinho. Às pequenas Mel, Rafa e ao Davi, que são minhas luzes de amor.

À minha querida amiga Aline Mariane, pelas trocas sinceras e generosas, pelos trabalhos e relatórios, pela companhia diária na graduação.

Por fim, ao grupo Bebêeducação pelos encontros e reflexões! Agradeço também às professoras que me acolheram com todo carinho e respeito. Aos bebês, pois sem vocês essa pesquisa não seria possível!

“E tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo, tudo que nós tem é
Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo, tudo que nós tem é
Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós
Tudo, tudo, tudo que nós tem é
Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós”

EMICIDA

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo compreender o papel da creche e do pacto narcísico da branquitude na construção da identidade étnico-racial dos bebês. A creche é normalmente o primeiro lugar fora do ambiente familiar, que o bebê tem contato com o outro e o mundo e por este motivo, as relações vividas na creche possuem um importante papel na constituição da identidade dos bebês, nesta pesquisa reconhecidos como sujeitos ativos e também possuem um papel importante nesse processo, como veremos.

Ao longo da pesquisa foram produzidas cartografias inspiradas em Fernand Deligny. Cartografias dos movimentos e ações dos bebês e das profissionais da creche, a fim de evidenciar os deslocamentos, os afectos e as relações que marcam a vida dos bebês pesquisados. Para construir o debate sobre raça, identidade e branquitude, dialogamos com Nilma Gomes (2005), Achille Mbembe (2018), Kabengele Munanga (2004) Maria Aparecida da Silva Bento (2002), Simone Gibran Nogueira (2014), Lia Vainer Schucman (2014) e Neusa Souza (1983).

Utilizamos também as pesquisas de Fabiana de Oliveira e Flavio Santiago que dialogam com as questões raciais e paparicação dentro da creche e serviram para inspiração desse trabalho. Por fim, buscamos construir um diálogo entre as questões étnico raciais e os bebês na creche, pensando numa educação que olhe para esses bebês como dignos de estudos e direitos, por outro lado, que tenham acesso a uma educação e tratamentos igualitários, inclusivos e plurais que valorizem suas identidades.

Palavras chaves: Bebês, Branquitude, Identidade e Relações Étnico Raciais.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper aims to understand the role of daycare and the narcissistic pact of whiteness in the construction of the ethnic racial identity of babies. The daycare is normally the first place outside the family environment, that the baby has contact with the other and the world and for this reason, the relationships experienced in the daycare have an important role in the constitution of the babies' identity, in this research according to assets and play an important role in this process, as we shall see.

Throughout the research, cartographies inspired by Fernand Deligny were produced. Cartographies of the movements and actions of babies and daycare professionals, to highlight the displacements, affections and relationships that mark the lives of the babies studied. To build the debate on race, identity, and whiteness, we dialogued with Nilma Gomes (2005), Achille Mbembe (2018), Kabengele Munanga (2004) Maria Aparecida da Silva Bento (2002), Simone Gibran Nogueira (2014), Lia Vainer Schucman (2014) and Neusa Souza (1983).

We also used the research of Fabiana de Oliveira and Flavio Santiago that dialogue with racial issues and pampering within the day care center and served as inspiration for this work. Finally, we seek to build a dialogue between ethnic racial issues and babies in daycare, thinking about an education that sees these babies as worthy of studies and rights, on the other hand, who have access to education and equal treatment, inclusive and plural that value their identities.

Keywords: Babies, Whiteness, Identity and Ethnic Racial Relations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Publicações sobre bebês negros	22
Gráfico 1 - Temáticas gerais	23
Tabela 1- Áreas de formação	24
Gráfico 3 - Temáticas abordadas dentro do tópico educação de bebês e Educação infantil	25
Gráfico 4 - Temáticas abordadas dentro do tópico relações étnico raciais	26
Gráfico 5 - Temáticas abordadas dentro do tópico relações familiares	27
Gráfico 6 - Temáticas abordadas dentro do tópico - questões de saúde	28
Cartografia 1 – Quem passei na creche (1)?	31
Cartografia 2 - Quem passei na creche (2)?	36
Cartografia 3 – Cartografia das Emoções	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. RAÇA, IDENTIDADE E O PACTO NARCÍSICO DA BRANQUITUDE	11
1.1 Raça.....	11
1.2 Identidade e identidade étnico-racial	14
1.3 Branquitude	18
2. AS PESQUISAS SOBRE BEBÊS NEGROS E SOBRE PACTO NARCÍSICO DA BRANQUITUDE NAS CRECHES: O que as produções atuais nos revelam?	22
3. PAPERIZAÇÃO	30
3.1 Cartografia 1 – Quem passeia na creche (1)?	31
3.2 Cartografia 2 – Quem passeia na creche (2)?	36
3.3 Cartografia 3 – Cartografia das Emoções	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar e discutir o papel da creche e do pacto narcísico da branquitude na construção da identidade étnico racial dos bebês.

As cartografias nessa pesquisa serão utilizadas como metodologia para análise e discussão dos dados. A partir delas é possível visualizar os movimentos traçados, espaços ocupados e objetos socializados pelos bebês e adultos dentro do berçário. Elas são inspiradas na concepção do educador francês Fernand Deligny, que se esforça constantemente para criar desvios e não passar pelos procedimentos institucionais tradicionais da época. Ele vê a cartografia como potência para registrar as ações das crianças autistas e como forma de linguagem. Para ele, os mapas substituem a fala, sendo uma maneira de evitar o excesso de compreensão, que tornaria invisível a existência das crianças autistas. No Brasil o referido autor tem sido base para os estudos do grupo de pesquisa “Bebêeeducação” liderado pela professora Gabriela Tebet.

O trabalho está dividido em três capítulos; o primeiro traz conceituações importantes para o entendimento de alguns conceitos que tange as questões raciais; o segundo capítulo apresenta dados de uma pesquisa bibliográfica focando nos bebês negros e buscando pesquisas sobre bebês e branquitude. Já o terceiro capítulo contém uma discussão sobre a paparicação dentro da creche, a partir de duas cartografias e diálogos com as teorias abordadas no primeiro capítulo.

1. RAÇA, IDENTIDADE E O PACTO NARCÍSICO DA BRANQUITUDE

Sim, somos nós que estamos nas calçadas
Sim, somos nós que estamos nas prisões
Nos alagados (aah)
Sim, somos nós os marginais
Sim, somos nós brutalizados
Os favelados dos porões do inferno
O inferno é aqui
Sim, somos nós os sem direitos
Sim, somos nós os imperfeitos, somos os negros
Sim, somos nós filhos de jah
Sim, somos nós perseguidos
Os habitantes dos porões do inferno
(Edson Gomes)

Este capítulo contém algumas definições de conceitos necessários para entender o que será abordado no decorrer do texto, são eles: raça, branquitude e identidade.

1.1 Raça

Gomes (2005) destaca o conceito de raça inspirado no Movimento Negro brasileiro que aponta o termo como uma forma de falar do pertencimento racial do negro brasileiro atribuindo assim um significado político. Para ela o termo é uma construção social, política e cultural constituída no decorrer da história.

Na realidade eles trabalham o termo raça atribuindo-lhe um significado político construído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerando as dimensões histórica e cultural que este nos remete. Por isso, muitas vezes, alguns intelectuais, ao se referirem ao segmento negro utilizam o termo étnico-racial, demonstrando que estão considerando uma multiplicidade de dimensões e questões que envolvem a história, a cultura e a vida dos negros no Brasil. (GOMES, p.47, 2005)

Para o filósofo contemporâneo Achille Mbembe:

A raça não passa de uma ficção útil, uma construção fantasmática ou uma projeção ideológica, cuja função é desviar a atenção de conflitos considerados, sob outro ponto de vista, como mais genuínos – a luta de classe ou a luta de sexos, por exemplo. (MBEMBE, 2018 p. 28-29)

Nesse sentido, o filósofo destaca que a raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético, ou seja, uma noção que vai ao encontro com a ideia apresentada por Gomes de construção social.

O antropólogo Munanga, destaca que o termo raça advém das classificações e estudos da biologia. Mas, que o conceito de raça que utilizamos hoje não tem nada de biológico.

É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etno semântica. (MUNANGA, 2004 p.06)

Assim, para o autor, a raça não é uma realidade biológica, mas sim um conceito cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças, ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem, sendo assim um conceito construído.

Portanto, de acordo com as conceituações apresentadas pode se perceber que a ideia de raça surge como uma construção social, ou seja, uma noção criada pela sociedade a partir dos valores, regras e significados em conjunto com as práticas individuais de cada um, com óbvio e claro objetivo de classificar as pessoas. Encontrar subdivisões para separar pessoas é também uma forma de qualificar quem é o melhor e quem é o pior. Desta maneira, a raça acaba se tornando uma ideia cultural e socialmente construída que acaba sustentando as relações sociais e políticas, exemplo disso são as noções de branquitude, raça ariana e necropolítica.

A ideia de branquitude que é uma construção social passa a operar claramente no dia a dia, ou seja, pessoas brancas obtém um privilégio racial, exemplo básico disso é o trabalho de Oliveira (2004), que ao acompanhar uma creche no interior de São Paulo concluiu que os bebês negros são menos “paparicados” pelas professoras do que os bebês brancos, ou seja, são a partir dessas vivências diárias que se tornam cultural é que a noção de raça passa a existir, opera e regula as nossas vidas desde a primeira infância.

Outro exemplo é a ideia de raça ariana que seria supostamente a linhagem mais pura dos seres humanos, formada por pessoas claras, fortes, altas e inteligentes, conceito que surge no século 19 com a defesa da ideia de que a raça ariana seria superior aos amarelos, semitas e negros. Essa ideia foi defendida pelo movimento Nazista na Alemanha, que acabou se contradizendo, porque utilizou na capa de uma revista a foto de um bebê judeu como um símbolo de um bebê ariano ideal¹. Alguns especialistas afirmam que os arianos não surgiram na Europa e são povos originários da Ásia Central, que foram migrando para outros territórios, destacam ainda que eles não são um grupo racial e sim um grupo linguístico. Interessante para pensar a própria contradição e arbitrariedade que é a concepção de raça ariana e possibilita afirmar que biologicamente não há diferença entre bebês, mas social e culturalmente sim, porque se constrói um discurso na sociedade que mobiliza as ações das pessoas, questão essa que será discutida detalhadamente a frente.

A necropolítica é também um exemplo para perceber como a raça é uma construção social com interesses políticos. Esse conceito foi criado pelo Achille Mbembe, que destaca o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer, desse

¹ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140702_bebe_ariano_judeu_fl

modo, ele enfatiza o papel da soberania e da política para que isso ocorra. Mbembe (2018) aponta que a política fica a cargo de estabelecer o limite entre os direitos, a violência e a morte, mas que o Estado utiliza o seu poder e discurso para criar zonas de morte que afetam os grupos biologicamente selecionados baseados no racismo.

Por fim, percebe-se que o conceito de raça é algo imposto pelo outro, imposição essa que é evidenciada através das relações e discursos de quem detém poder, que define e categoriza os tipos de raças. A partir dessas classificações as noções sobre raça influenciam a constituição da identidade, ponto que iremos abordar no tópico seguinte.

1.2 Identidade e identidade étnico-racial

A discussão sobre identidade não é algo novo, mas é um debate cada vez mais atual e importante nos dias de hoje. Mas, vale ressaltar, que é necessário um cuidado, pois de acordo com Gomes (2003) a popularização do termo encorajou um uso mais irresponsável e relaxado. Para Gomes (2003) a identidade:

não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. [...] a identidade não se prende apenas ao nível da cultura. (GOMES, 2003. P. 41)

De acordo com Munanga:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (MUNANGA, 1994: 177-178).

Nesse sentido para construção da identidade é necessário que haja uma interação entre indivíduos, a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas destaca Munanga (1994).

Para Gomes (2005) a identidade não é inata e está diretamente relacionada com o modo de ser com os outros e no mundo. Sendo um agente determinante as redes de relações e as referências culturais que se tem contato. Gomes (2005) destaca ainda que as ideias sobre identidade resultam sobre as ideias da diferença:

Ao mesmo tempo em que a busca da identidade por parte de um grupo social evoca a diferença deste em relação à sociedade ou ao governo ou a outro grupo e instituição, ela possui um processo de elaboração e diminuição das diferenças internas do próprio grupo e dos vários grupos que formam, naquele momento de reivindicação, um único sujeito político. (GOMES, N. 200p.41)

Assim, as ideias sobre identidade dos bebês que discutiremos à frente está diretamente ligada a maneira de tratamento que os bebês tiveram por meio das características fenotípicas e de ações que se foi observada no acompanhamento da turma do berçário.

O conceito de identidade pode também ser compreendido como a consciência de que cada pessoa tem de si própria, do mundo que faz parte, da classe social e do grupo ao qual pertence. Consciência essa que é constituída no dia a dia e sendo significada com as relações estabelecidas pelas pessoas, entre elas e o meio que estão inseridas (SILVA,1988 e SILVA, MONTEIRO 2000)

Para Hall que parte da concepção sociológica, a identidade é constituída a partir da interação entre o sujeito e a sociedade.

O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (Hall, S.2006.p.11 -12.)

Dito isso, pode-se adentrar no conceito de identidade negra. Para o antropólogo Munanga (2012) falar de identidade negra, significa automaticamente falar de cor de pele negra. A identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos, mas, refere-se à história como o mundo ocidental "branco" vê os negros e de como foi negada a eles sua cultura e existência.

Desta maneira, a consciência da comunidade negra passa de uma condição histórica de vítimas da interiorização e negação da humanidade plena pelo mundo ocidental para negritude, que deve ser vista também como confirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas, destaca Muganga.

Ainda assim, vale ressaltar que de acordo com Gomes a identidade negra é uma construção social e se constrói a partir de um processo.

identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. (GOMES, N. 2005, p. 43)

De acordo com Fanon (2008, p. 135), "há (...) uma série de proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, aos jornais, à educação, aos livros

escolares, aos cartazes, (...) penetram no indivíduo—constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence.”

Vale destacar, ainda, que para a psicanalista brasileira Neusa Santos Souza (1983) ser negro é tomar consciência do discurso acerca de si, processo que engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Para Souza (1983) é preciso uma nova consciência que afirme uma dignidade, ou seja, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.

Assim, diante das ideias apresentadas percebe-se que a noção de identidade parte da relação entre a pessoa e o outro, ou seja, o modo de ser com os outros e no mundo, sendo assim as relações e as referências culturais determinantes no processo de constituição da identidade. Já a identidade negra, obviamente integra os fatores determinantes na relação entre o modo de ser com os outros no mundo, mas também se constitui como construção que se dá a partir do coletivo, como uma forma de resistência a uma noção de raça opressora.

Desta maneira, os dois conceitos são importantes para essa pesquisa que também visa olhar o papel da creche na construção da identidade e identidade negra dos bebês, porque a creche é normalmente o primeiro lugar em que os bebês têm contato com o “mundo”, e com outro, assim sendo o lugar onde propicia a constituição da identidade. Além disso, é também o ambiente que aparece as primeiras classificações e marcadores raciais. É necessário, portanto, perceber como é constituída essa noção de identidade negra destacada pelos autores que é algo coletivo? Mas, quem faz parte desse coletivo dentro da creche? Já que conforme Souza (1983) destaca que o negro se torna negro, assim sendo, o bebê não sabe que

ele é negro. Ele pode se perceber como negro a partir das relações diárias dentro do ambiente da creche que não os favorece? São alguns dos questionamentos que será abordado no último capítulo.

1.3 Branquitude

Esse conceito nasceu a partir de alguns estudos que viram a necessidade de olhar para as relações étnico raciais em sociedades marcadas pelo colonialismo (Fanon 2008 e Ramos 1995). Estudos esses que perceberam que o efeito da colonização europeia na subjetividade não só dos negros, mas também dos brancos.

Bento (2002) nomeia branquitude como traços de identidade racial do branco, para ela a branquitude é um lugar de privilégio racial, econômico e político. Deste modo, ela destaca que para melhor entendimento do conceito é necessário compreender o processo de branqueamento que é frequentemente associado ao problema do negro que, descontente por ser negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais (BENTO 2002).

A omissão ou a distorção que há em torno do lugar que o branco ocupou e ocupa, de fato, nas relações raciais brasileiras. A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado. (BENTO, 2003, p.6).

A autora destaca que as pessoas brancas reconhecem as desigualdades raciais, só que não as associam à discriminação, ação essa que para ela é o primeiro sintoma da branquitude. Bento afirma ainda, que focar no negro para evitar focalizar no branco é uma maneira de não discutir os privilégios.

[...] o legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de quatro séculos de outro grupo. Há benefícios concretos e simbólicos em

se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na história do Brasil. Este silêncio e cegueira permitem não prestar contas, não compensar, não indenizar os negros: no final das contas, são interesses econômicos em jogo. (BENTO, 2002, p.7)

No texto “Branqueamento e Branquitude no Brasil” ela traz uma reflexão sobre dois processos, o primeiro ter a si próprio como modelo e projetar sobre o outro as mazelas que não se é capaz de assumir. Segundo a autora, o primeiro está associado ao narcisismo, e o segundo, à projeção.

Além disso, a autora cita o medo do diferente e medo do outro, que colabora para manutenção do silêncio e conclui que “uma boa maneira de se compreender melhor a branquitude e o processo de branqueamento é entender a projeção do branco sobre o negro, nascida do medo, cercada de silêncio, fiel guardiã dos privilégios”.

Lia Vainer Schucman (2014), Lourenço Cardoso (2014) e Maria Aparecida Silva Bento (2002) são referências no estudo sobre branquitude e aprofundam os estudos olhando a partir da história dos povos brasileiro, dialogando com ideias e teorias parecidas.

Para Schucman (2014) a branquitude é uma posição em que as pessoas que a ocupa, são sistematicamente privilegiados. Ela destaca ainda que para entender a branquitude é importante perceber como se constroem as desigualdades e estruturas de poder. Já Cardoso (2014) destaca o conceito de branquitude associado aos elementos sociais, econômicos e geográficos. Ele evidencia a ideia do branco a partir do branco-não branco e branco- branco, com base na teoria que só seriam brancos legítimos os europeus, e que os demais seriam miscigenados.

Simone Nogueira (2014) destaca que todos os envolvidos nas relações raciais baseadas na branquitude, sofrem processos de desumanização porque são

impedidos de reconhecer a humanidade do outro e a sua própria. Ela ressalta e crítica que os que se consideram ou são considerados como tais, vivem num modo ilusório de supervalorização, que geram uma dificuldade ou capacidade de reconhecer outras formas de ver o mundo, tão humanas quanto a sua.

Bento (2019) destaca que a identidade se refere também à cidadania, ao direito ao bem-estar e à saúde plena, sendo assim, necessário abordar essa perspectiva pensando no direito da criança. Para ela:

As primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, cooperação, solidariedade, responsabilidade. (Bento, 2019, p.100)

Para Bento (2019), o processo de construção da identidade quase não é abordado nos estudos das relações étnico raciais, na primeira infância – época do nascedouro do pensamento e da identidade raciais. Dentre as poucas pesquisas sobre o tema, Bento ressalta ainda alguns estudos sobre raça e educação infantil, contudo as pesquisas se voltam para crianças da pré-escola e não incluem os bebês.

Para Bento, as noções de diferença e de hierarquia raciais são adquiridas em diversos espaços e que crianças brancas e negras aprendem que ser branco é uma vantagem e ser preto, uma desvantagem. A partir de reflexões a autora conclui que as crianças muito novas estão ouvindo e incorporando conceitos sobre raça, a partir das conversas dos adultos que as cercam. Ela destaca ainda que para uma criança construir uma identidade positiva ela precisa ser amada pelo adulto que cuida dela.

Assim, a identidade é construída por meio do corpo e na convivência com o outro. Nosso “eu” é produto de muitos outros que o constituem. Esses “outros”, nos primeiros anos de vida, com frequência são a mãe, o pai, a professora ou outros adultos que cuidam diretamente da criança. Por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, a criança vai tomando consciência de seu corpo, do valor atribuído a ele e ao corpo dos coetâneos, e construindo sua auto-imagem, seu autoconceito. Assim, podemos concluir que o estágio em que está o adulto, no que diz respeito a sua identidade racial e sua percepção sobre diferenças raciais, é elemento importante no cuidado com a criança. (BENTO, 2019, p.112)

A autora destaca a importância de que seja considerado um ambiente de vivência hospitaleiro em relação às características físicas e culturais das crianças pequenas negras e reconsiderado a presença forte da cultura europeia e dos valores da supremacia branca na educação.

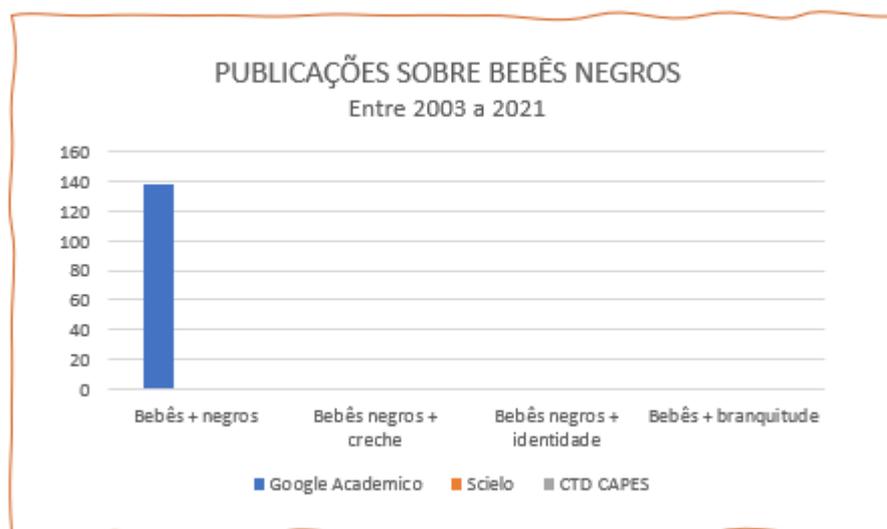
Portanto, percebe-se que os autores se referem à branquitude como um status de vantagem que, além de proporcionar privilégios e poder para quem faz parte, submete o outro, ou seja, o não branco a uma posição inferior na sociedade. Nesse sentido, é importante salientar as contribuições de Bento (2019) para os estudos na constituição da identidade de crianças e crianças pequenas, que proporciona um caminho interessante para as pesquisas sobre identidade dos bebês negros. Desta forma, pensar como são constituídas as relações entre os professores e os bebês negros na creche é um fator importante que será discutido nessa pesquisa.

2. AS PESQUISAS SOBRE BEBÊS NEGROS E SOBRE PACTO NARCÍSICO DA BRANQUITUDE NAS CRECHES: O que as produções atuais nos revelam?

Dado um panorama geral dos conceitos, no decorrer dessa pesquisa surge a necessidade de compreender como as questões de raça e identidade vêm aparecendo nas pesquisas sobre os bebês.

Então, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com intuito de identificar quais as últimas pesquisas foram realizadas no que tange às temáticas deste trabalho. A pesquisa foi efetuada em três plataformas, são elas: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Scielo e Google Acadêmico. Utilizamos o recorte do período² de 2003 a 2021 e para a busca as expressões: "bebês +negros", "bebês negros + identidade", "bebês negros + creche" e "bebês + branquitude".

GRÁFICO 1 - Publicações sobre bebês negros.



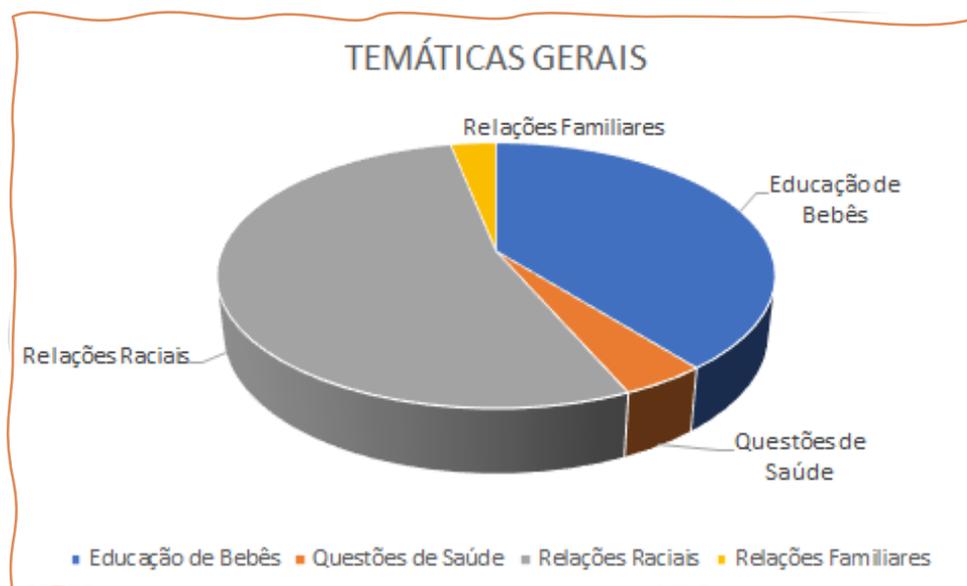
Produzido pela autora.

² O recorte de período inicial utilizado foi pensando na lei 10.639 do ano de 2003, sancionada pelo o então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, atendendo às exigências apontadas pelos Movimentos Negros, na qual havia a necessidade urgente de implementar, nos currículos escolares, o Ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira, com objetivo de apresentar conteúdos que pudessem apontar a importância e a valorização das culturas dos povos africanos na formação econômica, cultural e social do Brasil destaca Campos (2018).

No gráfico 1, percebe-se que só foram encontradas pesquisas específicas sobre os bebês negros na plataforma do Google Acadêmico. Quando pesquisado “bebês+ negros” nas demais plataformas não se obteve resultados. Vale destacar, ainda, que não foram encontrados resultados com as pesquisas das demais expressões.

A pesquisa com a expressão “bebês+negros” encontrou 138 resultados na plataforma do Google Acadêmico. Para melhor entendimento os dados foram separados em algumas categorias, tabelas e gráficos.

GRÁFICO 2 - Temáticas Gerais.



Ao realizar a leitura do resumo ou de alguns textos completos foram utilizadas e atribuídas palavras chaves para cada texto individualmente, assim foi possível gerar o gráfico 2, que contém as quatro grandes categorias que aparecem dentro dos

artigos, são elas: educação de bebês, questões de saúde, relações étnico raciais e relações familiares.

TABELA 1- Áreas de Formação

ÁREA DE FORMAÇÃO	QUANTIDADE	ÁREA DE FORMAÇÃO	QUANTIDADE
Educação	56	Letras	3
Ciências Sociais	6	Artes	1
Serviço Social	3	Artes Visuais	1
Filosofia	3	Medicina	4
Ciências Políticas	2	Enfermagem	2
Sociologia	2	Fonoaudiologia	1
História	2	Terapia Ocupacional	1
Antropologia	4	Saúde Coletiva	2
Humanidades	1	Comunicação	4
Geografia	1	Administração Pública	2
Linguística Aplicada	1	Relações Internacionais	2
Língua Portuguesa	2	Sem identificação	7

Produzido pela autora.

De acordo com a Tabela 1, um dos recortes utilizados ao analisar cada um dos resultados encontrados foi perceber a área de formação dos autores, para adentrar um pouco mais na perspectiva de cada texto que foi produzido. Dentro de cada categoria foram separadas todas as temáticas encontradas nos resultados:

GRÁFICO 3 - Temáticas Abordadas Dentro do Tópico Educação de bebês e Educação Infantil.



Produzido pela autora.

Conforme percebe-se no gráfico 3 foram encontrados uma diversidade de temas dentro do tópico Educação de bebês e Educação Infantil, que em sua maioria aparecem apenas uma vez. Destaca-se dentro dessa categoria os artigos que abordam as políticas públicas, o negro no livro didático e as práticas educativas dentro do ambiente da creche.

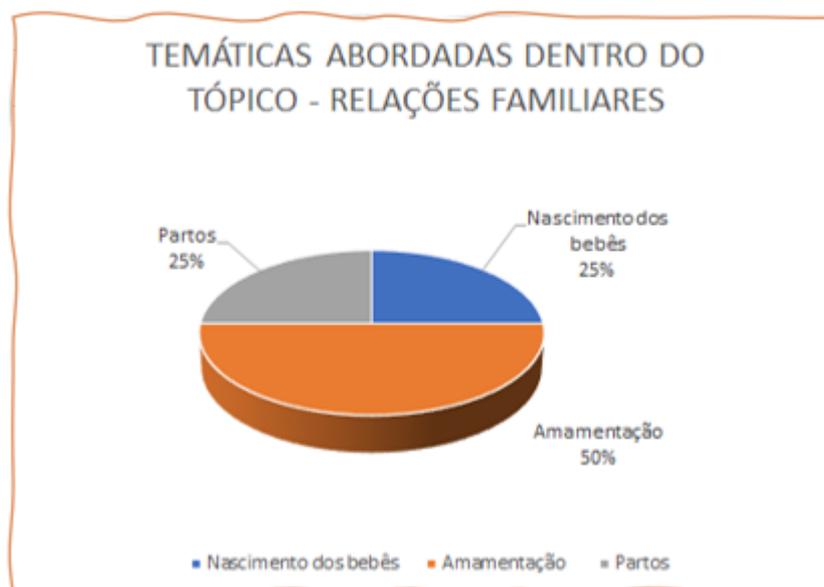
GRÁFICO 4 - Temáticas Abordadas Dentro do Tópico Relações Étnico Raciais.



Produzido pela autora.

O Gráfico 4 mostra os resultados encontrados dentro do tópico relações étnico raciais. A temática que mais se destaca é racismo, com trabalhos que em sua maioria apontam vivências racistas dentro da creche de crianças pequenas, por conseguinte, a construção da identidade e identidade negra são temáticas abordadas nas pesquisas focando na importância dos ambientes e práticas que valorizem a identidade, em especial a negra. Por fim, destaca-se a formação de professores para uma prática e educação antirracista.

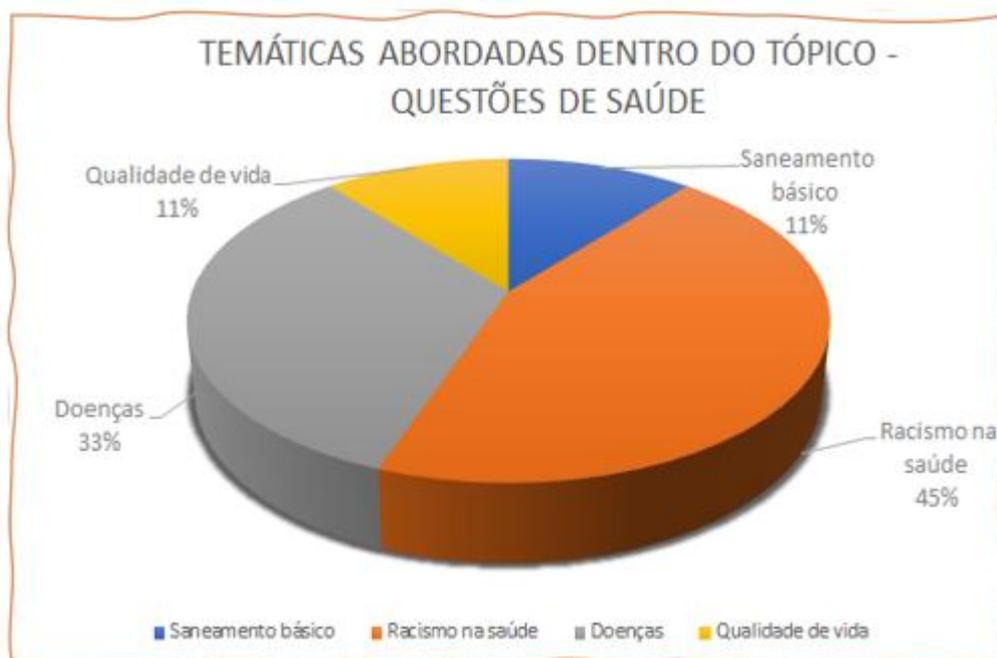
GRÁFICO 5 - Temáticas Abordadas Dentro do Tópico Relações Familiares



Produzido pela autora.

Quando se pensa em bebês, normalmente também aparecem os familiares e os responsáveis. Não foi diferente nas pesquisas, conforme mostra o gráfico 5, foram encontradas pesquisas que focam no nascimento, partos e amamentação dos bebês, ou seja, pesquisas que não focam na educação de bebês ou bebês negros, mas que os citam para exemplificar determinadas situações.

GRÁFICO 6 - Temáticas Abordadas Dentro do Tópico - Questões de Saúde



Produzido pela autora.

O gráfico 6 mostra um pouco das pesquisas que apareceram com enfoque dos bebês e bebês negros dentro das questões de saúde, destacando doenças que os afetam quando nascem, racismo sofrido pelos bebês negros nos hospitais, saneamento básico onde vivem e a qualidade de vida, resultante dos fatores apontados.

Ao analisar as pesquisas nos tópicos Relações Étnico Raciais e Educação de Bebês e Educação Infantil aparecem pouquíssimas pesquisas que focam seus estudos nos bebês negros. Os trabalhos em gerais encontrados que consta a palavra “bebês negros” em sua maioria são para exemplificar alguma situação ou fazer citações dos estudos de Oliveira (2004) e Oliveira & Abramowicz (2010) que destacam diferença de tratamento entre os bebês brancos e negros a partir de um estudo sobre a paparicação na creche.

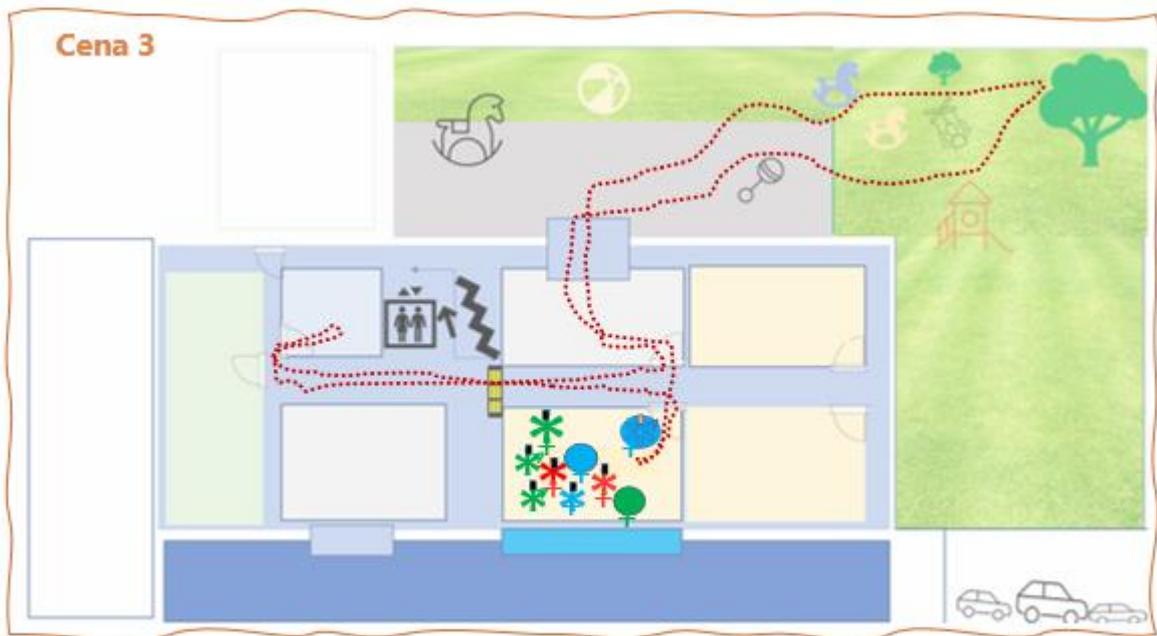
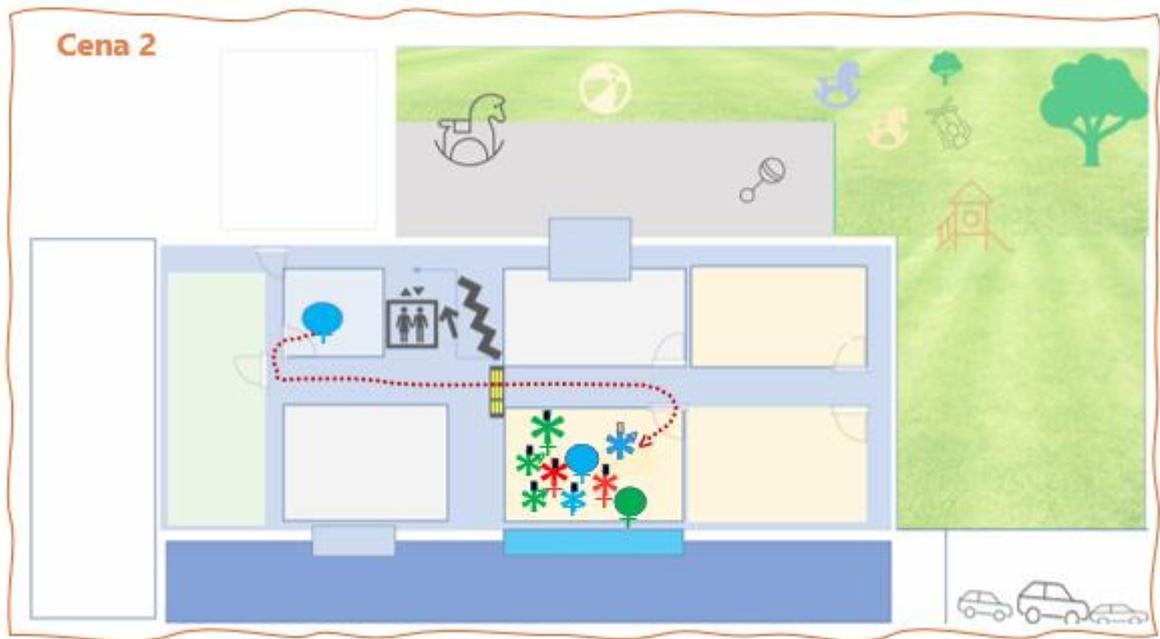
Por fim, destaca-se que foram encontradas pesquisas em apenas uma plataforma, das quais raríssimas focavam especificamente nos bebês negros. Não encontrar pesquisas sobre bebês negros mais branquitude, creche e identidade entre as maiores plataformas de pesquisas é um dado importante, porque não se tem pesquisa sobre esse tema. Mas existem diversas pesquisas com essa temática que abordam as crianças? Sim! Porém, bebês não são crianças, essas pesquisas podem servir como inspiração, mas, não se pode falar que elas funcionam/servem do mesmo modo para os bebês. Assim sendo, essa pesquisa é importante porque ela considera os bebês negros dignos de estudos, apontando para questões atuais e relevantes para o combate a práticas racistas e em prol da valorização dos bebês negros.

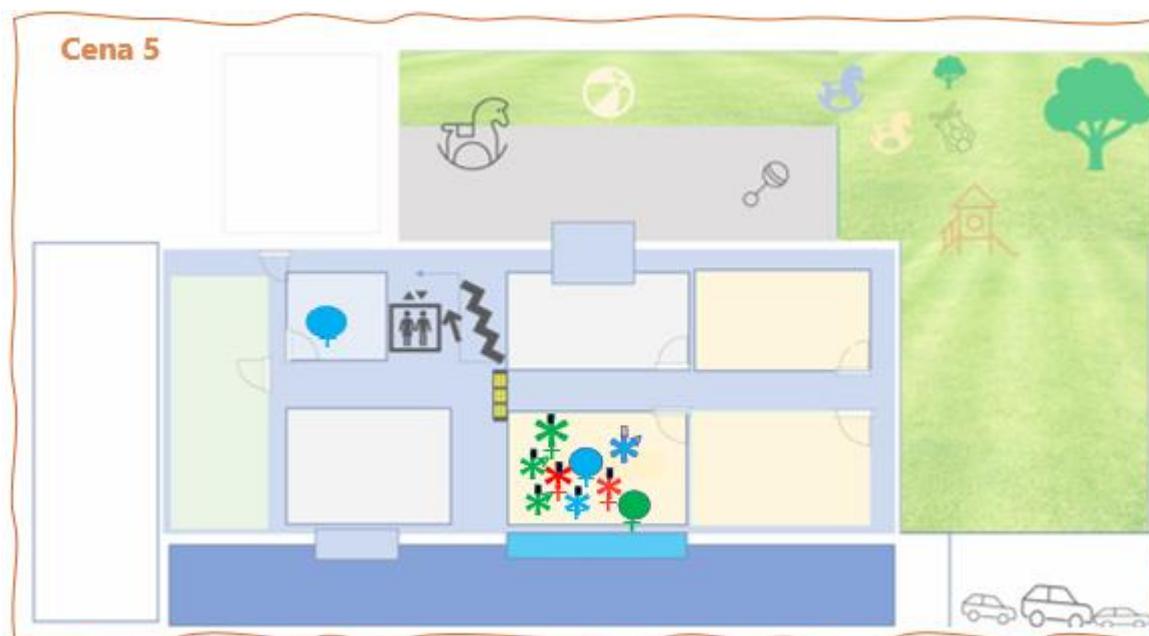
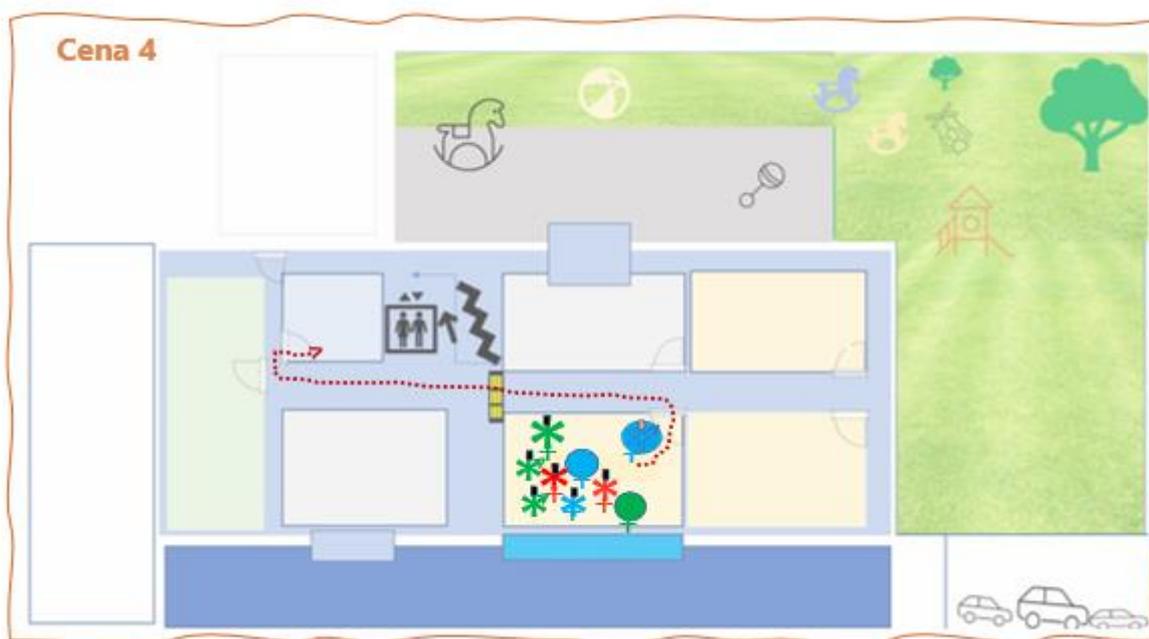
3. PAPERIZAÇÃO

Somos barrados no baile
Todos barrados no baile
Eles dizem: é só para gente bonita
Uma doença da sociedade
(Cenas da minha cidade) não, não, não, não, no
Uma doença talvez incurável
E você aí, como passa?
Você aí o que acha?
E você aí, como passa?
Você aí, o que acha disso?
(Edson Gomes)

Esse capítulo trará uma discussão de alguns conceitos apresentados no capítulo anterior a partir de duas cartografias que tem como objetivo registrar quem passeia na creche. Vale ressaltar, ainda, que todas as cartografias produzidas nesse capítulo partem de um diálogo entre uma professora e a estudante pesquisadora. Nas cartografias em questão usamos as cores do mapa racial do Brasil no símbolo dos bebês e das professoras para representar a sua caracterização racial, a partir de um critério de hereto-identificação atribuído pela estudante-pesquisadora a partir de características fenotípicas dos bebês da turma e do questionamento às docentes de sua cor/raça. Destaca-se contudo, que é possível que haja alguma discrepância entre a classificação feita pela pesquisadora em relação aos bebês e aquela que poderia ter sido feita pelas famílias ou ainda, aquela que os próprios bebês pesquisados farão de si mesmos em algum momento de suas vidas, uma vez que como já apontado a identidade racial é uma construção subjetiva.

Ainda assim, essa identificação permite uma ideia do perfil racial da turma, ainda que com alguma margem de erro decorrente do exposto previamente.





Era recorrente que os funcionários da creche, quando passavam pelo corredor da sala do berçário, parassem de forma rápida para cumprimentar as professoras e ver os bebês. Mas, vale ressaltar que uma funcionária da gestão da escola tinha uma relação mais íntima e especial com um determinado bebê. Ela o apelidara de neto.

Nessa cena, mostra-se a funcionária saindo da sua sala e caminhando até a turma do berçário. Chegando lá, pega esse bebê no colo e sai para passear um pouco pelos ambientes da creche e, após alguns minutos, retorna deixando-o de volta na sala.

Essa cena é importante para pensar: quem são os bebês que passeiam? Ou então, quem são os bebês que recebem mais paparicação dentro da creche?

De acordo com a descrição da cartografia, vemos que apenas um bebê da turma sai para passear. Mas, afinal quem é esse bebê? Ele é descrito pela cartografia como um bebê branco com cabelos claros e considerado pela funcionária como neto. Quem são os demais bebês que ficam na sala? A cartografia os mostra também. São os outros bebês: pretos, pardos e brancos com cabelo escuro.

Por que os demais bebês não são considerados netos da funcionária? Obviamente, sabemos que ninguém é obrigado a gostar de ninguém e todos temos preferências sobre quem gostamos ou não. Mas algo é notório dentro dessa cena: o bebê mais paparicado e tratado carinhosamente como o neto da funcionária é um bebê de sexo masculino, branco e de cabelos claros.

Essa escolha da funcionária ao preferir esse bebê pode ser claramente de acordo com os seus gostos, afetividade e conexão. Mas também não se pode esquecer que a sociedade brasileira é racista, machista e preconceituosa. Portanto, os gostos e preferências também podem advir disso. No âmbito da Educação Infantil coletiva as interações e relações cotidianas são a base do processo educativo e muito se aprende sobre o mundo, sobre a nossa cultura e os valores vigentes a partir das práticas cotidianas. Essa visita feita pela funcionária à turma do berçário e a retirada da sala sempre do mesmo bebê para passear pela creche diz a todos os demais bebês da turma sobre os valores dominantes da nossa sociedade. Produz um lugar de

privilégio (o colo da funcionária e o direito de circular pela unidade) e contribui para construção do pacto narcísico da branquitude como um valor opressor, não apenas para a população negra, mas também para a própria população branca, como aponta Nogueira (2014) ao afirmar que todos os envolvidos nas relações étnico raciais baseadas na branquitude sofrem processos de desumanização. A próxima cartografia corrobora para tal compreensão ao registra uma mudança no comportamento cotidiano da funcionária em questão em relação ao bebê apelidado de “neto” (branco de cabelos claros) quando da matrícula de um novo bebê na turma (branco e loiro).

3.2 Cartografia 2 – Quem passeia na creche (2)?

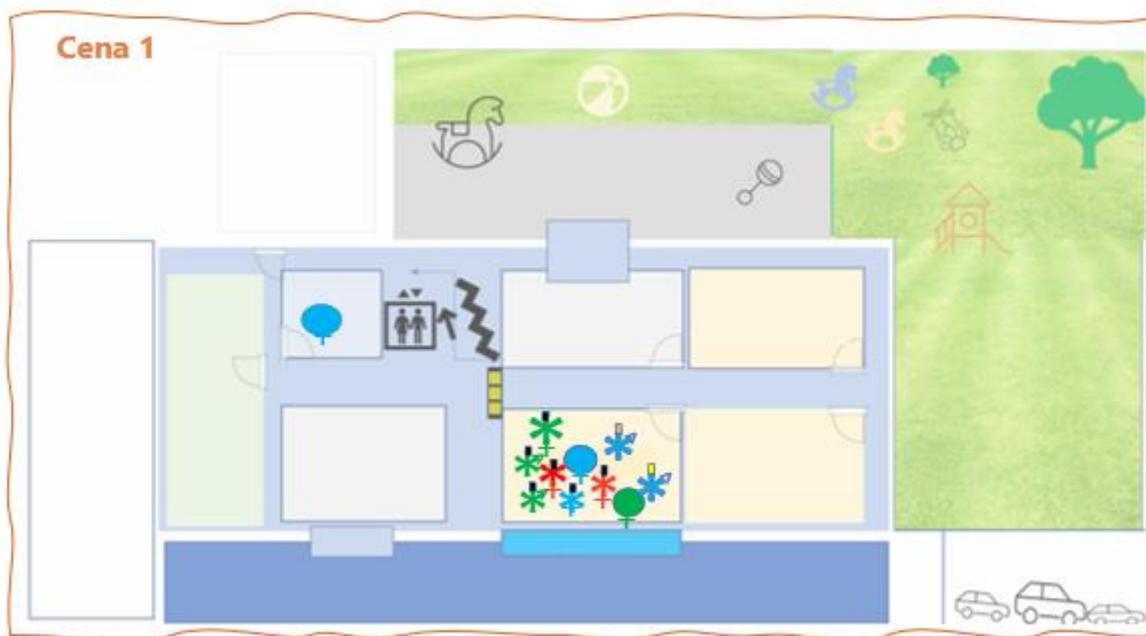
Legenda

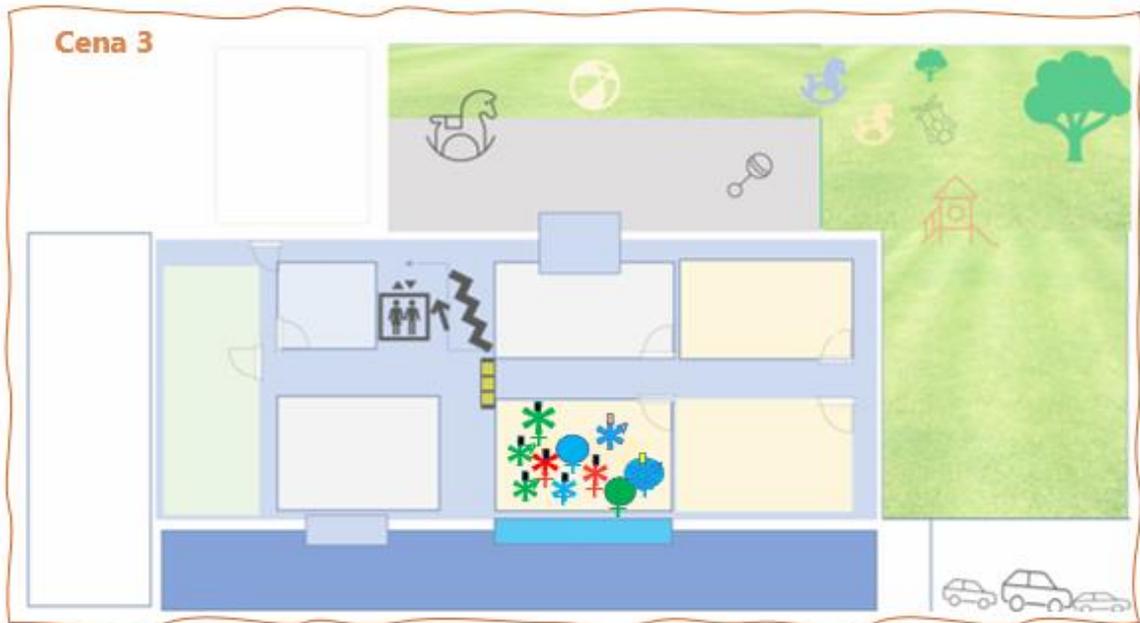
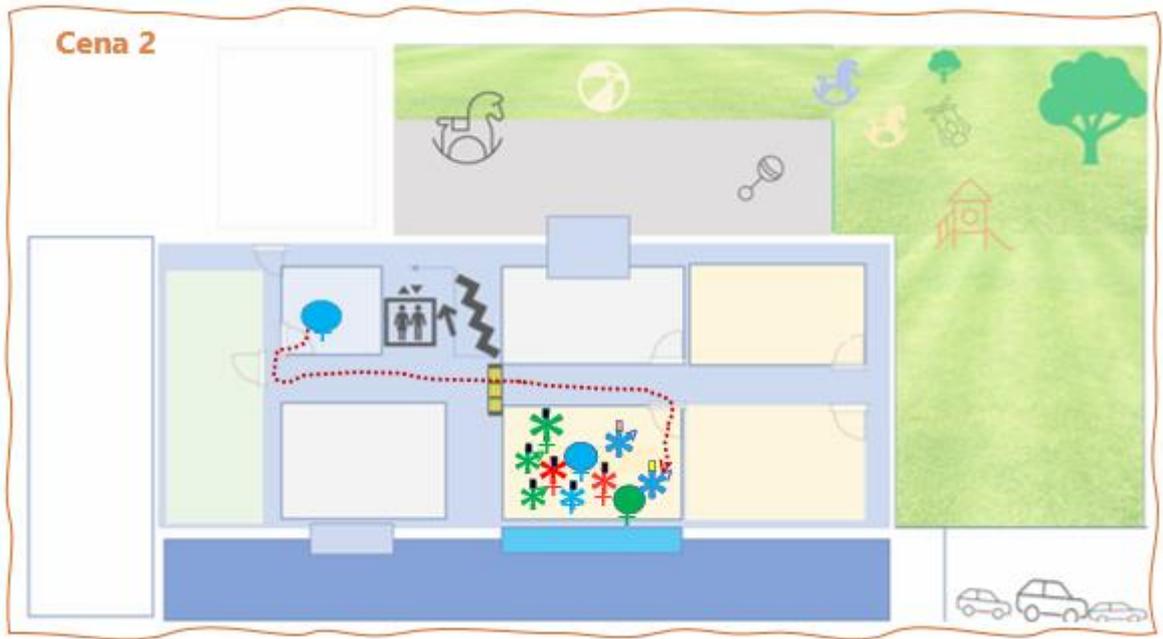
- Adulto
- * Bebê
- * Cor do cabelo – Loiro Claro
- * Cor do cabelo – Claro
- * Cor do cabelo – Escuro
- ♀ Sexo Feminino
- ♂ Sexo Masculino

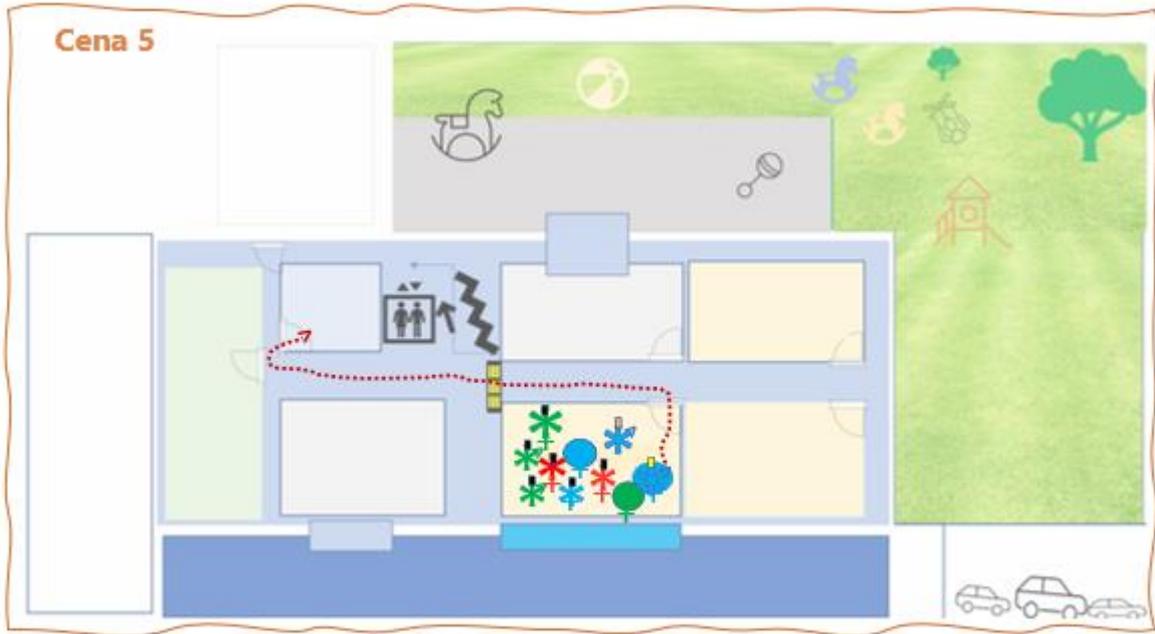
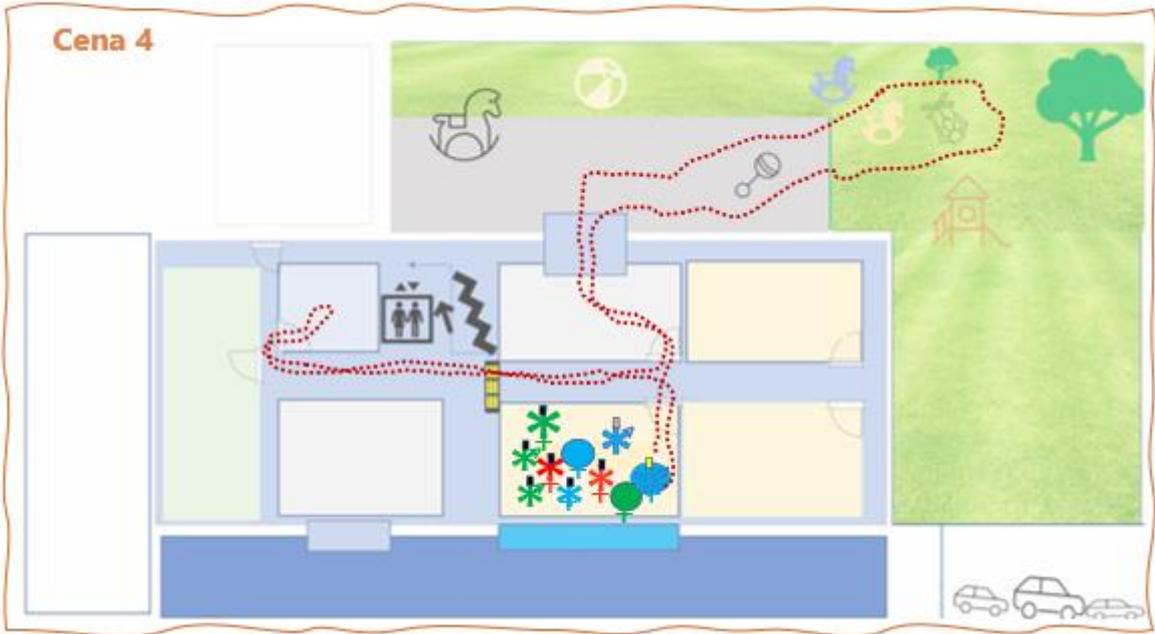
Mapa Racial do Brasil

1 ponto = 1 pessoa

- Branco
- Pardo
- Preto
- Amarelo
- Indígena







“escolhidos” pela funcionária eram apenas por afinidades e preferências, até porque nenhum bebê pardo ou preto foi escolhido! Por que será?

Oliveira em 2004 utiliza o conceito de “paparicação” para descrever algumas situações e momentos na rotina da creche que demonstram um determinado carinho por parte das profissionais, porém, ressalta que os bebês e crianças negras estavam fora ou excluídas dessas ações. Alguns dos pontos destacados pela autora são recusa de contato físico, cumprimento e os elogios pela beleza e bom comportamento.

A partir do conceito de paparicação utilizado por Oliveira (2004) pode-se dizer que os dois bebês destacados nas cartografias estão sendo paparicados pela funcionária da creche. Essa paparicação é proporcionada provavelmente pelos aspectos físicos dos bebês, que fazem com que os bebês pretos, pardos e brancos de cabelos escuros não recebam o mesmo tratamento.

Além de ser paparicados, os dois bebês das cartografias obtêm privilégios de poder passear e interagir com vários ambientes da creche. Pode-se usar como argumento o critério para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças que diz: todas as crianças têm direito à atenção individual?

Mas, ter direito a atendimento individual não significa admitir que apenas um bebê obtenha vantagens e seja mais paparicado perante os demais da turma, levando em consideração apenas seus aspectos físicos.

A ação realizada pela funcionária proporciona interpretar como as práticas dentro do ambiente da creche contribuem para a constituição da identidade dos bebês. Como visto no capítulo anterior, a ideia de identidade se inicia a partir da relação entre a pessoa, o mundo e o outro. Normalmente, fora do ambiente familiar, o primeiro contato que o bebê tem com o outro e o mundo é na creche.

Assim, é possível que o bebê negro seja influenciado por essas ações desde cedo e absorvendo as noções que a população preta que não é bem quista e vista na sociedade. Um relato que pode ser um exemplo disso é:

As crianças pequeninhas estavam chegando na creche, eu estava perto da estante de brinquedos, enquanto as observava entrarem na sala e começarem a se organizar nos grupos de brincadeiras. Carolina (menina negra pequeninha) se aproxima de mim com uma boneca negra nos braços e me entrega, sem hesitar pergunto para ela:

- É a nenê?

Vamos fazer ela dormir? Ela olha pra minha cara e diz:

- Não é nenê, ela é preta, se vira sozinha! Um pouco atônito com as palavras que a menina negra pequeninha havia me falado, peguei uma boneca não negra com formatos semelhantes àquela que Carolina havia me oferecido e perguntei:

- O nenê?

Carolina sorri e me diz:

- Sim, é nenê! Faz ela dormir. Poucos segundos depois, ela viu a colega chegando e saiu correndo para abraçá-la.

(Fragmento diário de campo, abril de 2016, SANTIAGO 2018)

Essa criança pequeninha destacada no relato de Santiago obviamente sabe que o nenê preto, não é nenê pois recebe um tratamento diferente e faz tudo sozinha, ou seja, não precisa de ajuda. Ela percebe que ser preta é sinônimo de saber fazer e se virar sozinha, obviamente ela não falou isso do nada e sim apresentou um discurso³ que é constituído na prática diária da sociedade, ainda que muitas vezes esse discurso se concretize em gestos e práticas cotidianas e dispense o uso de qualquer palavra.

A ação da funcionária, além de contribuir para a supervalorização dos bebês brancos automaticamente coloca os demais bebês em uma posição inferior.

³Um exemplo desse discurso é retratado na diariamente na mídia, que o jovem negro é marginal e o jovem branco é acusado ou cometeu um erro.

Maria Aparecida Bento, destaca o pacto narcísico da branquitude para apontar o lugar de privilégio, econômico e político ocupado pelas pessoas brancas. Pensando nas cartografias, a identidade racial do bebê branco possibilita carinho, passeio e atenção que não é dedicado aos demais. Essa construção pode ser entendida pelos bebês, como ser branco é algo bom e ser negro não é.

Portanto, é necessário que as práticas dentro do berçário considerem as individualidades de todos os bebês, mas que os trate de formas igualitárias. Até porque o tratamento diferenciado pode afetá-los profundamente.

A branquitude e os privilégios que ela produz afeta a todos na sociedade. Contudo, alguns a percebem de um modo mais intenso que outros. Na história relatada neste TCC por meio das cartografias, o bebê tido como neto (branco de cabelos claros) goza dos privilégios que possuía sem que isso fosse questionado por ninguém. Contudo, ao perder seu privilégio, com a chegada de alguém que ocupa o seu posto, esse bebê passa a ter um comportamento distinto do que tinha anteriormente, de acordo com relato feito pela mãe à professora, que o narrou para a estudante pesquisadora, permitindo assim a construção da próxima cartografia que apresentamos.

Essa terceira cartografia tem como foco o bebê branco de cabelo claro apelidado por uma da funcionária como “neto” e as linhas do deslocamento desse bebê é representada pela cor azul, e sua família é indicada nos mapas como família 1. Os mapas indicam ainda em outras cores as linhas de outros bebês chegando à creche. E a família 2 indica a família do bebê branco loiro e de olhos azuis que é matriculado na creche após o início do ano letivo. As linhas do bebê 2 são indicadas em cor de rosa a partir da cena 4.

3.3 Cartografia 3 – Cartografia das Emoções⁴

LEGENDA

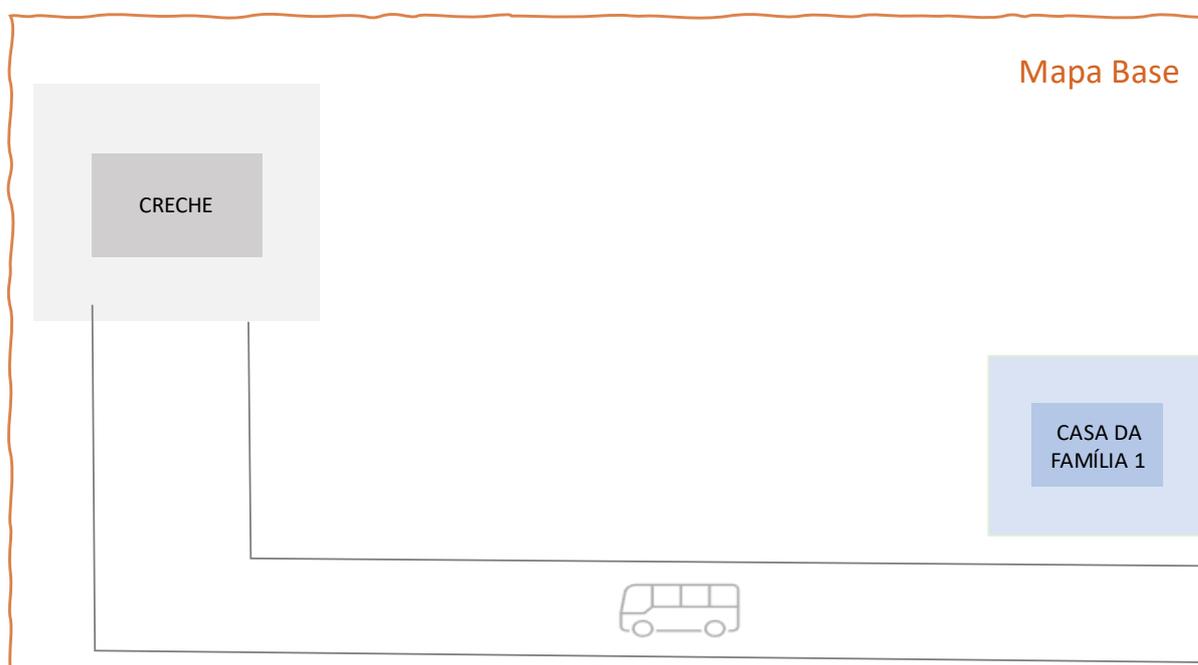
Linha costumeira _____

Linha de privilégio 

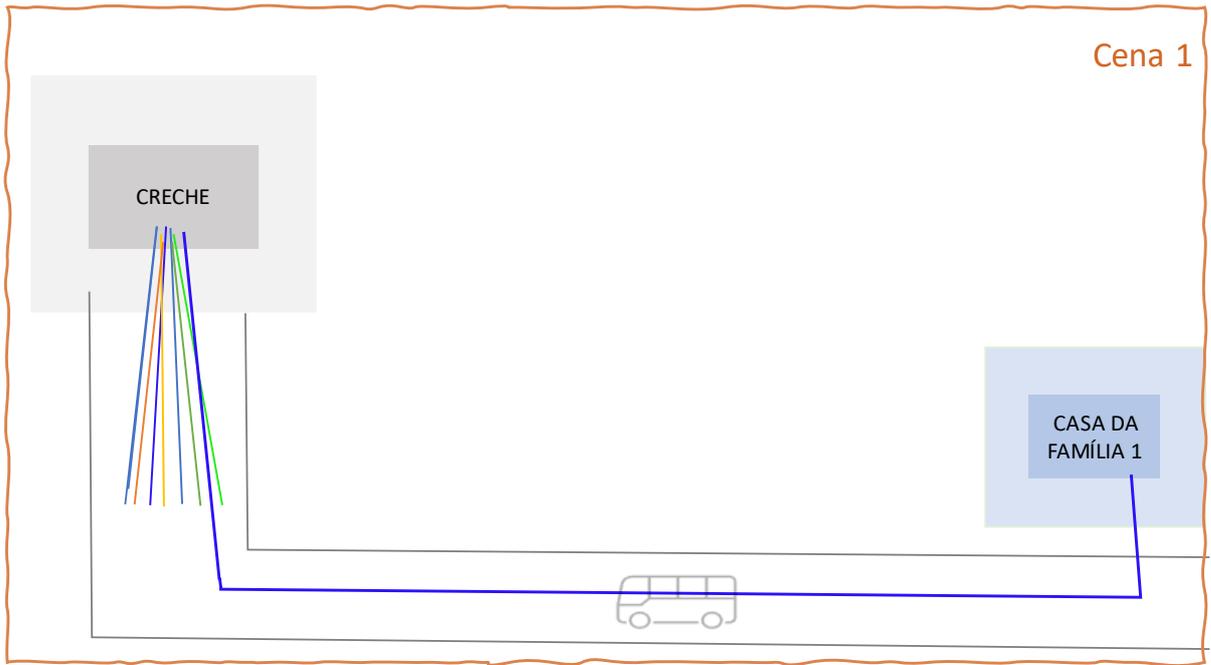
Choro 

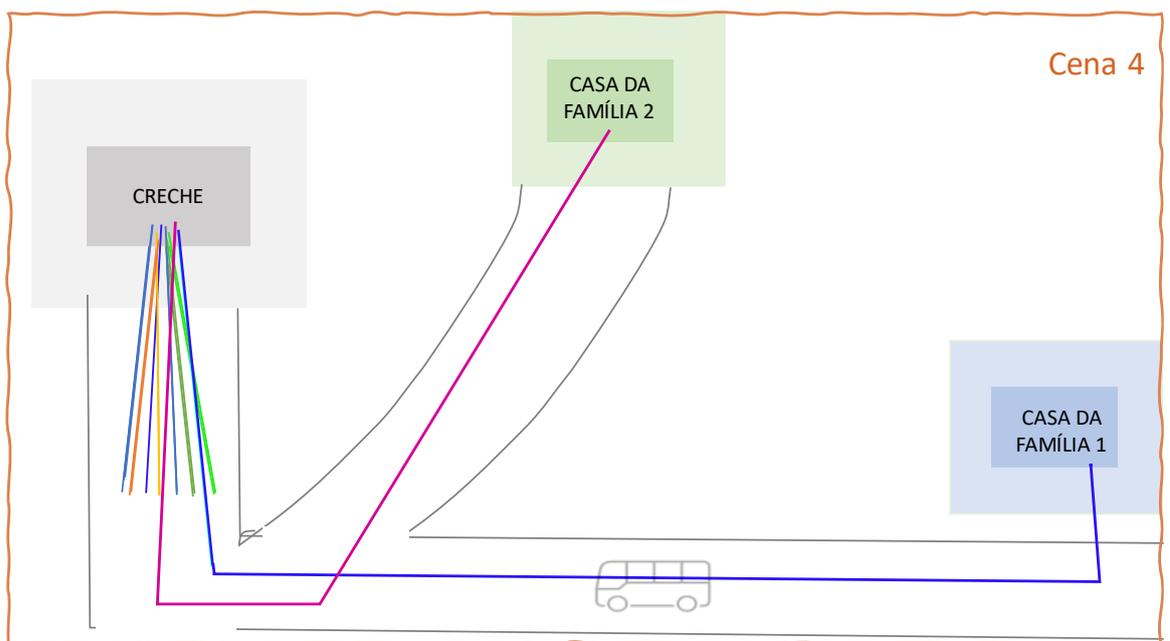
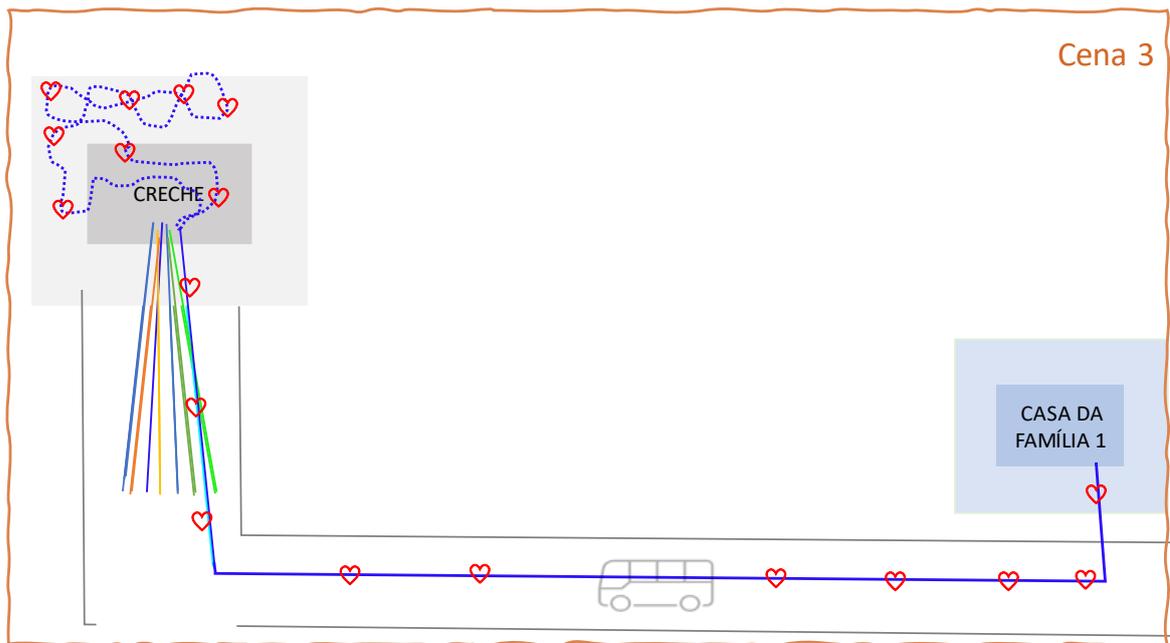
Alegria 

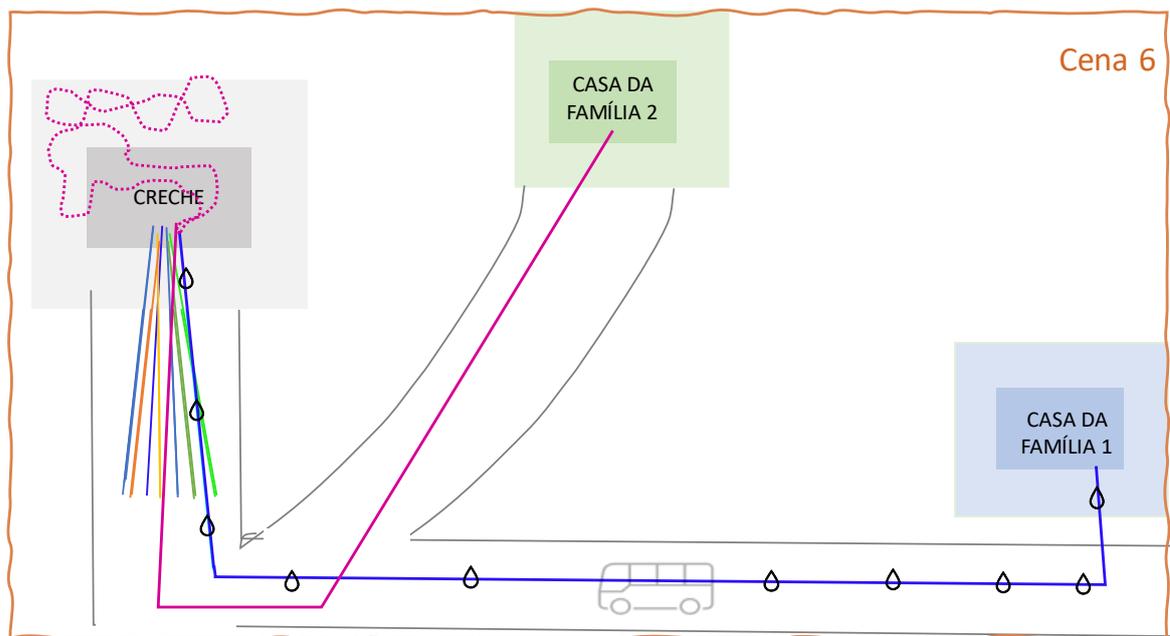
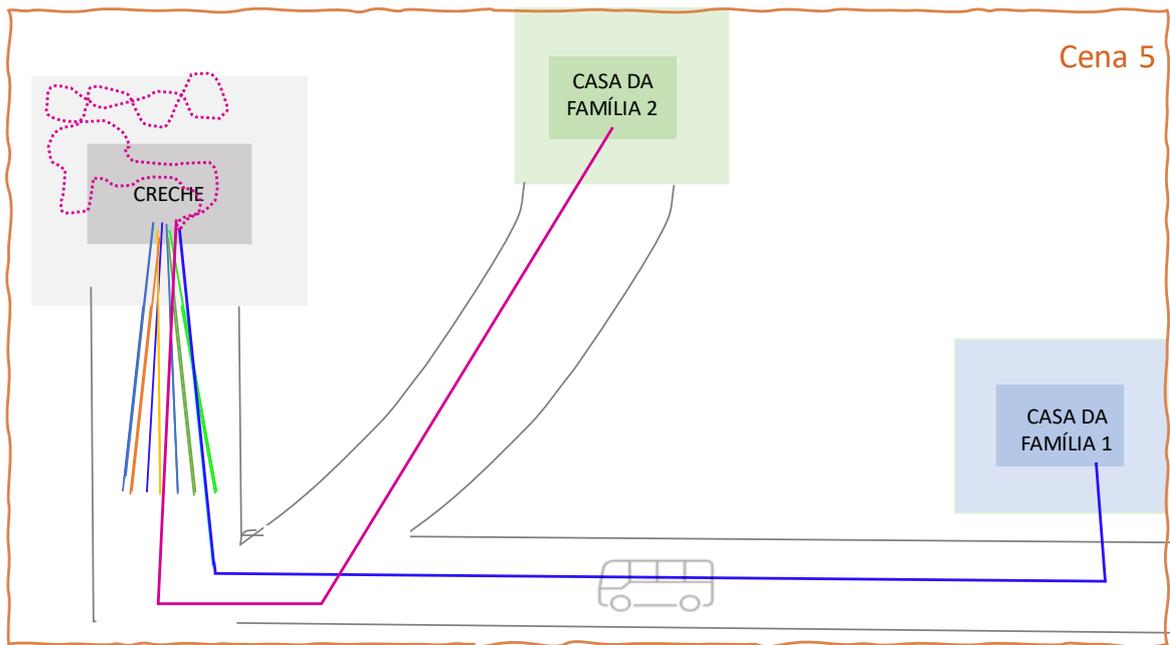
Ônibus escolar 



⁴ Essa cartografia foi produzida em conjunto com a Profa. Doutora Gabriela Tebet.







Essa cartografia é uma continuação das cartografias “Quem passeia na creche” [1] e [2]. Nela é descrito o movimento de paparicação de um bebê que é trocado por um segundo bebê que ingressa na creche.

As cenas dessa cartografia descrevem as linhas que possivelmente podem operar nesses momentos da creche. Na cena 1 percebe-se as linhas que chamaremos de costumeiras, ou seja, uma ação que normalmente todos os fazem saindo da casa das suas famílias e se dirigem à creche.

Então, todos os bebês chegam à creche e dentro do ambiente institucional possui uma linha operante que chamaremos de linha de privilégio que proporciona que apenas um bebê tenha acesso a lugares diversificados da creche por meio de uma funcionária. Essa ação proporciona ao bebê uma felicidade que é demonstrada na creche, em casa e no transporte escolar.

Ingressa na creche um outro bebê fazendo com que o bebê anterior volte como todos os outros bebês a fazer parte somente das linhas costumeiras como mostra na cena 4, passando assim a linha de privilégio a operar somente no novo bebê.

Na cena 6 é evidenciado o comportamento do bebê da família 01, que perdido seu privilégio começa a chorar no ambiente da creche, no transporte escolar e não quer mais ir para creche. Situação essa que leva sua mãe a se dirigir até a creche para saber e entender o que poderia estar acontecendo com o bebê.

As mudanças de comportamento do bebê foram notadas pela mãe que se dirigiu a creche para entender o *que estava acontecendo porque o bebê estava chorando na hora de ir para a creche e ele adorava ir, mas, que ele estava diferente*

e depressivo”. Ao narrar essa situação a professora disse que essa mudança de ações provavelmente se *deu porque ele perdeu o posto de “queridinho”*.

Portanto, essa cartografia mostra o quando o pacto narcísico branquitude além de subalternizar os bebês negros, prejudica e afeta também os bebês brancos. Desta maneira, é necessário que as práticas dentro da creche além de ser antirracista seja interracial e acolha todos os bebês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do texto observou-se que as relações étnico-raciais estão presente no dia a dia da creche e precisa ser levada em consideração especialmente quando se trata dos bebês. De acordo com o relato destacado nas cartografias, quem passeia na creche parte um e dois, demonstram que as heranças do colonialismo ainda se perpetuam até mesmo nos dias de hoje, dentro da creche, afetando inclusive os bebês. A valorização dos bebês brancos se mantém e são expressas a partir das construções sociais e práticas de paparicação.

A paparicação dentro da creche, se mostrou como recurso para a valorização do bebê branco ideal, mas, também como um recurso prejudicial para os bebês brancos que deixam de ser paparicados e perdem os privilégios quando são trocados por bebês mais próximos da dita “beleza”. Tal prática também contribui significativa para a construção e reprodução das desigualdades raciais e hierarquização entre as pessoas a partir do ideal do pacto narcísico da branquitude e evidencia que mais de 15 anos depois da importante pesquisa desenvolvida por Oliveira (2004) a questão ainda não tivemos tantos avanços em relação ao combate ao modo como o racismo opera no interior das creches e que ainda precisamos de muito estudo, debate e atuação militante em nossa prática pedagógica para construirmos uma sociedade efetivamente mais democrática e igualitária e menos opressora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público". 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.47.2019.tde-18062019-181514. Acesso em: 2021-05-24. Curitiba: Appris, 2017. p. 33-52

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. _____. Educação Infantil, Igualdade Racial e Diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: MEC, CEERT, UFSCAR, 2012.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrílica revisitada e as "críticas". In: MULLER, Tania M. P.; CARDOSO, Lourenço (org.). Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. **Brasília: Mec, Seb**, 2009.

CEERT: Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. 2011

DOS SANTOS CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. Editora Contexto, 2004.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Rio de Janeiro: Editora, Fator 1983.

Gabriela Tebet (Organizadora) Estudos de bebês e diálogos com a sociologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 631p.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 – 62.

Hall, Stuart A identidade cultural na pós-modernidade Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MÜLLER, Tânia MP; CARDOSO, Lourenço. Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida, n. 3º, p. 1-17, 2004.

NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. Educação infantil e estudos da infância. Estudos sobre as relações entre a pesquisa em estudos da infância e os contextos é realizada. 2015.

NOGUEIRA, Simone Gibran. Políticas de identidade, branquitude e pertencimento étnico-racial. Identidade, branquitude e negritude: contribuições para a psicologia social no Brasil: Novos ensaios, relatos de experiência e de pesquisa, p. 49-63, 2014.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". Educ. rev., Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 209-226, Aug. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000200010&lng=en&nrm=iso>. acesso em 15 Mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000200010>.

OLIVEIRA, Fabiana de. Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial?. 2004.

SANTIAGO, Flávio et al. Eu quero ser o sol!:(re) interpretações das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre crianças de 0 à 3 anos em creche. 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o encardido o branco e o branquíssimo: branquitude hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

SELGAS, F. J. G. Posthumanismo(s) y ciências sociales: una introducción. Política e Sociedad, v. 45, n. 3, p. 7-15, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. Torna-se Negro: as vicissitudes da identidade negra do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro - Edições Graal – 1983

TEBET. Gabriela G. C. Isto não é uma criança! Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da sociologia da infância de língua inglesa. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013